

A ÉTICA AMOROSA DA AMIZADE: UM OLHAR SOBRE AS VIVÊNCIAS DAS MULHERES NÃO-HETEROSSEXUAIS NA PANDEMIA DE COVID-19

JULIA SCHWANZ ANDREAZZA¹; CAMILA PEIXOTO FARIAS ²

¹ Universidade Federal de Pelotas – andreaZZa.julia@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – pfcamila@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho nasce como um recorte de um artigo em construção vinculado a uma pesquisa mais ampla desenvolvida pelo grupo “Agora é que são elas: a pandemia de COVID-19 contada por mulheres”. O projeto é fruto de uma parceria entre grupos dos cursos de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A pesquisa teve início em 2020 diante da necessidade de direcionar o olhar acadêmico às realidades singulares das mulheres no cenário da pandemia no Brasil. Foi realizada por meio da criação de um espaço para narração de experiências e sua posterior análise com foco em desafios específicos de gênero e seus desdobramentos em termos psíquicos e sociais.

Partimos da premissa de que as vivências da pandemia se inscreveram nos sujeitos de forma singular e profundamente marcada por atravessamentos sociais, como raça, gênero, classe e sexualidade. Nesse contexto, optamos por focar nas singularidades das vivências de mulheres não-heterossexuais a fim de visibilizar e explorar suas histórias e potências. O recorte do qual nasce esse trabalho surge da costura entre dados e narrativas coletadas no ano de 2020 analisadas em diálogo constante a teorias feministas e articuladas aos efeitos que nossa posicionalidade enquanto pertencentes a esse mesmo grupo trazem à pesquisa (FAVERO, 2020).

Nesse contexto, identificamos que temas como solidão, sobrecarga e o trabalho de cuidado, na vida das mulheres, foram transversais às análises já desenvolvidas no grupo. Entendemos que a emergência dessas questões não se deu em razão da pandemia, mas sim que a realidade da mesma explicitou e potencializou essas vivências, cujas dinâmicas seguem se perpetuando após seu fim. Por isso, acreditamos que pela lente do “pós” surge uma ótica privilegiada para explorarmos problemáticas ligadas às lógicas sociais e afetivas que perpassam as múltiplas formas de ser mulher, no passado e no presente.

No mergulho aos dados, percebemos a centralidade com que as redes de afeto e amizade entre mulheres surgiam nas narrativas das participantes, aspecto que contrasta com o foco dado às relações familiares e românticas frequentemente trazido nas discussões sobre a pandemia e a saúde mental em geral. Essa relevância apontou para o estabelecimento de lógicas de interdependência fundamentais nas vidas das participantes.

Inspiradas pelas teorias de BELL HOOKS, DONNA HARAWAY, SOFIA FAVERO e JOAN TRONTO, adotamos uma abordagem interseccional e situada para entender como essas redes afetivas desafiam a visão hegemônica sustentada pelo familismo e o individualismo neoliberal. Nesse contexto e em diálogo com HOOKS (2021) exploraremos a “ética amorosa da amizade” como mantenedora de saúde e ampliadora das possibilidades de vida das mulheres não-heterossexuais.

2. METODOLOGIA

A pesquisa “Agora é que são elas: a pandemia de COVID-19 contada por mulheres” utiliza como base dados de um questionário online composto por 33 perguntas, entre objetivas e dissertativas, aprovado pelo Comitê de Ética da

UFPEL (CAAE: 31203220.3.0000.5317) e divulgado entre 24 de maio e 7 de junho de 2020. A partir da coleta de 5.867 respostas, o grupo vem construindo trabalhos divididos por recortes cuja escolha do tema se dá em uma perspectiva interseccional (COLLINS; BILGE, 2021) e a partir das reverberações que as histórias das participantes produzem em nós enquanto pesquisadoras (FAVERO, 2020). Optamos por trabalhar com três perguntas disparadoras¹, que possibilitaram narrativas e reflexões acerca das reverberações que a pandemia trouxe às vidas das respondentes. Adotamos, aqui, a perspectiva proposta por DORLIN (2021), que vê o compartilhamento de vivências como estratégia de fortalecimento individual e político. A coletivização dessas experiências transforma histórias pessoais em catalisadoras para mudança social.

Inicialmente focado em mulheres bissexuais, ampliamos o presente recorte para incluir todas as mulheres não-heterossexuais - lésbicas e outras - partindo do pressuposto de que suas vivências teriam em comum a fuga da norma heterossexual e a construção de vínculos outros, atravessados pela vivência de suas sexualidades. Para isso, lemos as respostas de 677 mulheres - 11,5% da amostra total - fazendo uso do método psicanalítico como desenvolvido por FIGUEREDO (2006), que adota uma abordagem que valoriza o encontro, no qual as pesquisadoras, o objeto e o meio transformam-se mutuamente, circunscritos por relações de transferência e contratransferência.

A escolha dos temas se deu em uma perspectiva contra-hegemônica, situada e corporificada, como defendida por HARAWAY (1995). Nessa, o reconhecimento das singularidades e posicionalidades das pesquisadoras trazem rigor e potência à pesquisa. A autora destaca que localizar quem somos, de onde viemos e para quem escrevemos é fundamental para construir um conhecimento genuinamente comprometido e científico, reconhecendo a parcialidade inerente a toda e qualquer construção teórica.

Os resultados foram interpretados a partir de um olhar interseccional, que considera categorias como raça, classe, gênero e sexualidade como interconectadas e se influenciando mutuamente (COLLINS; BINGE, 2021). Essa abordagem busca uma compreensão mais complexa e detalhada da realidade, exigindo uma análise cuidadosa e não-universalizante de dados sociodemográficos. Dentre as participantes da pesquisa, 58,6% se identificaram como bissexuais, 32,6% como homossexuais e 8,7% como outras. A média de idade é de 35 anos e 94,5% dessas mulheres vivem em áreas urbanas. Quanto à identidade de gênero, 93% se identificam como mulheres cis, 0,3% como mulheres trans, 4,9% como não-binárias e 1,6% como outras. Em termos de cor ou raça, 75,7% são brancas, 10,2% pretas, 0,6% indígenas e 0,4% amarelas. No que diz respeito à escolaridade, mais de 60,5% das participantes possuem Ensino Superior Completo ou mais, enquanto 28% têm ensino superior incompleto. O perfil das participantes destaca questões relacionadas ao acesso à pesquisa, revelando limitações ligadas a classe no que tange o alcance de pesquisas online.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao lado de temas como ansiedade, luto e preocupação, a amizade e a saudade da proximidade com amigas, colegas e familiares mais distantes se destacaram entre os relatos das participantes. A centralidade desses temas nos levou a atentar, nas narrativas, às diferentes dinâmicas afetivas estabelecidas no período da pandemia e a importância atribuída a elas. Em resposta a questão que

¹ O que tem feito você se sentir bem durante esse período da pandemia de COVID-19? Por quê? II. Relate uma história, um fato ou uma cena da sua vida que tenha ocorrido durante a pandemia de COVID-19 III. Relate as principais transformações que a pandemia de COVID-19 causou na sua vida

A pesquisa conta com apoio financeiro da Fundação Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS).

pedia para que relatassem uma cena da sua vida que tivesse ocorrido durante a pandemia de COVID-19, uma das participantes escreveu:

Fiz uma chamada de vídeo com uma amiga que segue trabalhando fora e está há 2 meses afastada do filho de 7 anos. Conversamos, choramos, rimos. Tem sido muito difícil, mas os afetos estão nos sustentando. (p.280)

A ideia expressa em "os afetos estão nos sustentando" extrapola os limites da vivência particular da participante e é partilhada de forma mais ou menos direta por muitas das mulheres que responderam a pesquisa. A percepção de que as relações afetivas sustentam a vida dialoga com a premissa básica da pesquisadora feminista JOAN TRONTO (1993). Em seus trabalhos, a autora explora o cuidado como aspecto central para o desenvolvimento moral e ético a partir da noção de que essas relações são fundamentais para a manutenção e desenvolvimento da vida orgânica e social.

Nessa perspectiva analítica, associa-se a invisibilização do cuidado ao fato de que as mulheres são as responsáveis majoritárias - e ditas naturais - por ele, lógica que oculta as repercussões éticas, políticas e econômicas dessa divisão e sustenta as desigualdades de gênero (GESSER et al. 2022). TRONTO (1993), aponta como as relações de cuidado são marca do que nos torna humanos, não uma suposta marca do "feminino", o que implica no reconhecimento de que somos, sempre, seres interdependentes. Essa concepção, apesar de parecer simples, se contrapõe ao pensamento hegemônico neoliberal que busca naturalizar ideais de individualismo, independência e competição em detrimento da dependência intrínseca à vida e a importância fundamental da comunidade.

Em grande medida, essa interdependência - se reconhecida - é compreendida de maneira limitada, restrita às relações estabelecidas dentro de uma família ou entre um casal. Essa lógica, amplamente presente em narrativas contadas sobre a pandemia, remete ao conceito de familismo e a concepção de mundo neoliberal. Nessas ideologias correlatas a família nuclear - e o cuidado unilateral feminino - seria responsável pelo bem-estar de quem a compõe, unidade básica e centro idealizado da vida social (GESSER et al. 2022).

Aqui, o que buscamos evidenciar é como o destaque dado às amizades e às redes de apoio e cuidado trazidos pelas participantes contrasta com essa lógica. As histórias contadas por essas mulheres sugerem ampliações nas relações e na própria concepção de interdependência, à semelhança da perspectiva Trontiana (1993), em direção a outros modos de vida:

Os grupos que faço parte e minhas amigas. Pois me fazem lembrar que a vida não parou e ainda existe beleza no mundo. (p.147)

Uma amiga veio até a minha casa trazer um presente. Um pequeno suporte de madeira, que seu pai fez, para deixar o celular em pé para as ligações com vídeo. Ao vê-la, depois de muitos dias, chorei e abrimos os braços em um abraço distante. Foi um momento muito emocionante, por estar encontrando minha amiga e por ser um dos poucos momentos nesse período em que me senti cuidada. (p. 1324)

Relatos como esses alçam a amizade entre mulheres a um lugar comumente reservado às relações conjugais e familiares e evidenciam a importância desses vínculos para as respondentes no período da pandemia. Contradizendo a concepção social que secundariza esses laços e os estudos que não lhes dão a devida atenção, a amizade assume centralidade na vida dessas mulheres. BELL HOOKS (2021), em sua extensa pesquisa acerca do amor enquanto prática ético-política, afirma que:

Muitos de nós aprendem ainda na infância que amizades nunca deveriam ser vistas como tão importantes quanto laços familiares. Entretanto, a amizade é o espaço em que a maioria de nós tem seu primeiro vislumbre de amor redentor e comunidade carinhosa. (HOOKS, 2021, p.166)

Segundo a pensadora, a amizade compõe um lugar privilegiado para que possamos aprender a “arte de amar”, primeiro passo em direção ao aprendizado e desenvolvimento de uma prática amorosa em nossos cotidianos e na vida política, pivô para a transformação social. Dentre os muitos relatos que trazem a amizade como tema principal, surgem uma a uma dimensões do que HOOKS (2021) aponta como os pilares do amor: carinho, afeição, reconhecimento, respeito, compromisso e confiança, honestidade e comunicação aberta.

4. CONCLUSÕES

A partir das análises apresentadas e em diálogo com os trabalhos de HOOKS (2021) e TRONTO (1993) propomos o conceito de “ética amorosa da amizade” para explorar o *ethos* particular que se estabelece nos vínculos afetivos - sejam eles românticos ou não - entre mulheres. O uso desse termo se justifica a partir do reconhecimento desses laços como base sob a qual se torna possível a construção de novos modos de vida pautados no amor como prática, escapando da lógica hegemônica e promovendo a distribuição mais igualitária do cuidado.

Sendo assim, o presente trabalho possibilita a reflexão acerca das lógicas patriarcais e neoliberais que sustentam o modelo familista limitado dos afetos e desqualificam relações de amizade e comunitárias por não servirem ao sistema. Visibilizar as histórias das participantes sob essa perspectiva dá a amizade o status social que ela merece, reconhecendo tais vínculos como espaços de cuidado essencial, promoção de saúde e transformação social.

Além disso, trazer à tona as narrativas das participantes acerca de suas vivências pandêmicas adquire um caráter testemunhal que valoriza as vozes dessas mulheres, parte da postura ética do pesquisar. Assim, mantém-se viva a memória desse período, apontando para a relevância de atentar às formas pelas quais a pandemia da COVID-19 continua a se desdobrar em nossas vidas.

O restante do estudo, ainda em desenvolvimento, aprofundará a compreensão de questões ligadas à amizade como modo de vida, as éticas comunitárias e ao familismo. Abordando, também, as políticas de afeto próprias da comunidade LGBTQIAP+ e destacando a importância da descentralização dos afetos e do estabelecimento de redes de apoio amplas e amorosas como formas de proteção e resistência.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COLLINS P.H; BILGE S. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo; 2021.
- DORLIN, E. **Sexo, gênero e sexualidades: introdução à teoria feminista**. São Paulo: Ubu Editora, 2021.
- FAVERO, Sofia. Pesquisando a dor do outro: os efeitos políticos de uma escrita situada. **Pesqui. prá. psicossociais**, São João del-Rei , v. 15, n. 3, p. 1-16, set. 2020.
- FIGUEIREDO, L.C.; MINERBO, M. Pesquisa em psicanálise: algumas idéias e um exemplo. **Jornal de psicanálise**, São Paulo , v. 39, n. 70, p. 257-278, jun. 2006.
- GESSER, M.; ZIRBEL, I.; LUIZ, K. G. Cuidado na dependência complexa de pessoas com deficiência: uma questão de justiça. **Revista Estudos Feministas**, v. 30, n. 2, 2022.
- HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, São Paulo, n. 5, p. 7-41, 1995.
- HOOKS, B. **Tudo sobre o amor: Novas perspectivas**. São Paulo: Editora Elefante, 2021.
- TRONTO, J. C. **Moral boundaries. A political argument for an ethic of care**. New York: Routledge, 1993